

NÃO SEJA UMA BOA MENINA



ZOE X

da mesma autora da série dark hand



# DADOS DE COPYRIGHT

---

## SOBRE A OBRA PRESENTE:

*A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo*

---

## SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

*O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).*

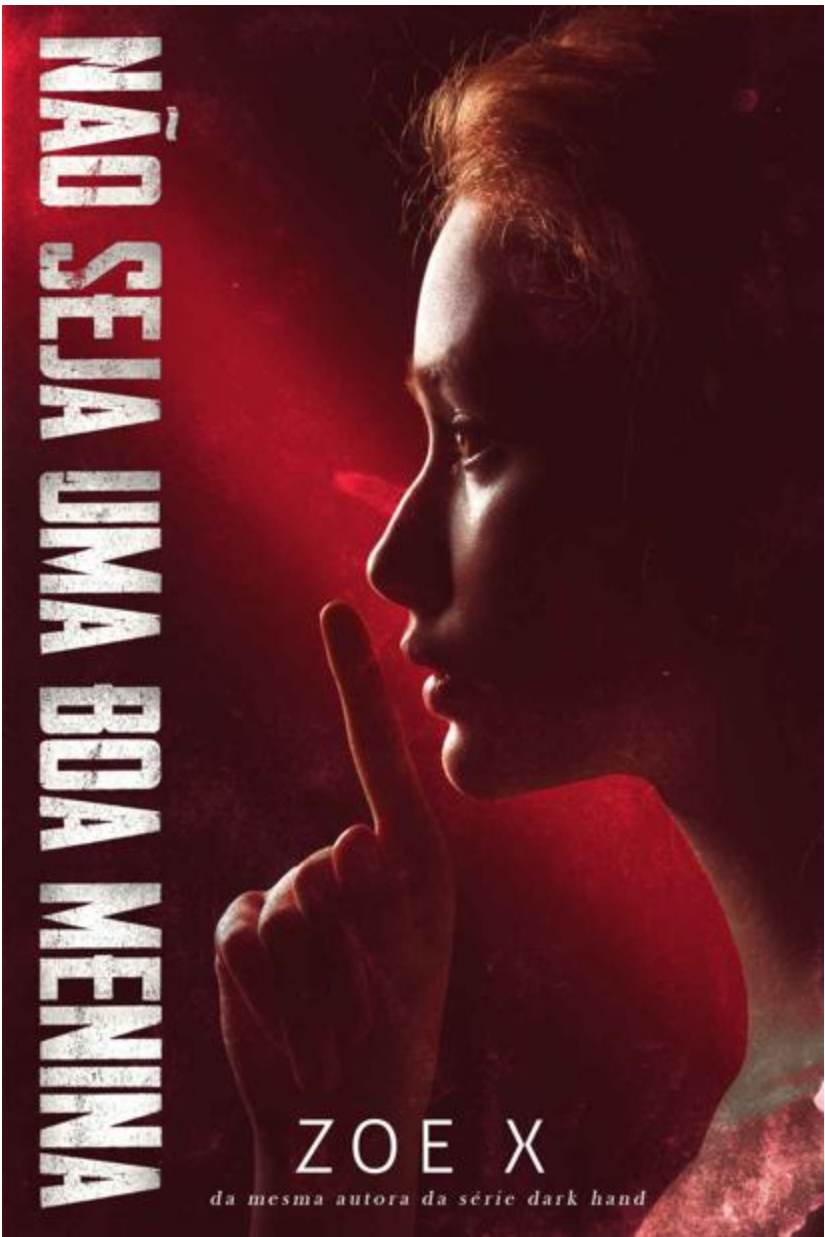
---

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e*

*poder, então nossa sociedade poderá enfim  
evoluir a um novo nível."*

---





NÃO SEJA UMA BOA MENINA

ZOE X

da mesma autora da série dark hand

**NÃO SEJA UMA BOA MENINA**

**NÃO SEJA UMA BOA MENINA**

**NÃO SEJA UMA BOA MENINA**

**ZOE X**

**1ª. Edição**

**2019**

**Copyright © 2018 Zoe X**

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

**Capa:** LA Capas

**Revisão:** Hellen Caroline

**Diagramação:** Criativa TI

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas.

Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

## **SINOPSE**

Em meio ao caos e a desigualdade, toda a inocência dela cheirava como o mais doce perfume para ele. Dentro de todo seu desespero e solidão, a justiça distorcida que ele trazia consigo era a única coisa que a mantinha de pé. E nessa dança proibida, ela descobriu que ser uma boa

menina nem sempre era a garantia de se salvar e achou, na escuridão dele, o seu lugar.

"Eu me apaixonei pelo demônio, meu salvador, e se ser uma menina má era a condição para tê-lo novamente, eu aceitaria".

**Olá, querid@ leitor@.**

Se você ainda não me conhece, vou me apresentar brevemente:

**Zoe X** (*Isso, X como os X-men*) é o pseudônimo de uma garota paulistana que descobriu que sua missão de vida é escrever.

Ao ver seu pai debilitado de saúde, se questionou sobre viver a vida como o manual mandava ou do seu jeito.  
Conclusão: Queimou o manual!

Ganhei o prêmio **The Wattys 2017** em uma distopia ainda não finalizada, e fiquei entre as finalistas do prêmio Sweek com o conto **Singular**. Conquistei mais de um milhão de leituras em seis meses no meu primeiro livro da série de **Dark Romance** na plataforma Wattpad, e também posto de **Top2 do Ranking dos Mais Vendidos da Amazon em menos de 24hrs.**

A sequência da série conta com números crescentes, já tendo atingido a marca de mais de **10 milhões de leituras online** nos livros disponíveis.

Agora que você já me conhece um pouco mais, vamos falar do conto.

**Não seja uma boa menina** surgiu perto do Natal, quando vi todo mundo escrevendo histórias bonitinhas para essa



data.

De fato, eu não espero que você ame esse conto, mas que você sinta e entre na história como um segundo personagem observador, capaz de absorver cada um dos sentimentos que tentei passar ali.

- Se você conseguir isso ao final dessa leitura, minha missão estará cumprida!

Caso você queira conhecer outras coisas que eu escrevo, vou ficar feliz de apresentar. Procurando aqui na Amazon você encontra **Singular**, que é outro conto totalmente diferente desse, e a série **Dark Hand**.

Espero que eu possa mexer com a sua imaginação e agradeço muito pela oportunidade! Caso você não goste, não se sinta mal por abandonar a leitura: sou do tipo que acredita que não existem histórias ruins, mas penso que nem tudo é para todos.

E caso você decida ir até o fim, vai ser uma honra e enorme prazer te entreter.

**PS:** Se você gosta de música tanto quanto eu, existe uma playlist no Spotify com a trilha sonora desse conto.

*Todo meu amor e respeito por você,*

Zoe X

Me siga nas redes sociais!

Spotify: **Zoe X Autora**

Instagram: **@\_mynameiszoex**

Página do Facebook: **Zoe X - Autora**

Grupo para leitores no Facebook: **Mafiosas da Dark Hand**

E-mail: [zoex.autora@gmail.com](mailto:zoex.autora@gmail.com)



## **PARTE 1**

### **CONHECENDO-O**

*“Deve ser aquele velho espírito do mal, tão profundo no seu fundamento.”*

*Soap&Skin - Me and the Devil*

*Eu me lembrava perfeitamente bem daquele dia...*

— Mutter, isso machuca! — recordo-me de reclamar enquanto mamãe passava o descolorante novamente na raiz do meu cabelo. *Era sempre daquele jeito naquela maldita época.*

— Quieta, Theodora! Não sabe que é assim que precisa ser? Você tem apenas seis anos, então fique quieta e pare de reclamar, ou então estaremos perdidas. Maldito seja aquele seu pai de cabelos escuros! Se o Führer descobre que você

não é perfeita, vão levá-la de mim — ela continuou a reclamar enquanto eu tentava desviar meus pensamentos do desconforto da queimação no couro cabeludo, brincando com Dina, minha boneca, única e favorita, em cima da pia do banheiro.

Mamãe passou o pente com mais força que o costume e meus olhos se encheram d'água, mas eu não resmunguei. Fiz como uma menina grande faria e apenas mordisquei o lábio inferior enquanto ela tentava igualar o tom escuro que surgia na minha raiz, com o restante do loiro dourado que meu cabelo tinha desde que a guerra havia começado.

— Precisamos ficar prontas logo. Hanz vai passar aqui em menos de uma hora. Como eu pude me distrair tanto? — mamãe se questionou, terminando meu cabelo e então finalmente me deixando livre. — Você pode brincar por mais alguns minutos, mas volte logo

aqui. Não podemos deixar isso tanto tempo ou você ficará careca.

— Eu a ignorei e saí do banheiro, ficando no corredor escuro da nossa pequena casa, com Dina no colo, assistindo mamãe entrar no banho.

Já naquela época eu não gostava de Hanz. Ele tinha olhos fundos e mãos ásperas, e toda vez que apertava meu nariz ou batia em minha boca, mamãe não dizia nada. Ele era seu namorado e, mesmo à época não entendendo direito o motivo, eu apenas aceitava quando mamãe dizia que ele era importante. Por isso, quando nós saímos os três, eu não podia chamá-la de “mamãe”, apenas de “titia”.

*Eu nunca a traí, mas me questiono se deveria ter feito.*

*Talvez, se tivesse feito, não estaria aqui, jogada nos lençóis, sentindo o vento frio sobre o meu corpo machucado, enquanto Hanz ajeita as calças.*

Mamãe me banhou, conferindo em cada canto da minha cabeça — que ficaria cheia de machucados —, se não havia algum pedacinho de cabelo preto, e então me vestiu.

— Vá comer alguma coisa, meu amor. — Ela estava agachada bem na minha frente e eu podia ver seus olhos claros envoltos em maquiagem e cabelo loiro perfeitamente arrumado em ondas. — Não suje sua roupa, pois está frio demais lá fora e precisamos estar bem vestidas, certo? Hanz estará aqui daqui a pouco para nos levar para passear, e a mamãe garante que tudo será diferente quando essa loucura passar.

— Promete que não vou precisar mais pintar meu cabelo?

— pedi de forma inocente, sem saber o peso daquilo.

— Prometo — mamãe assegurou-me, sem saber que não poderia cumprir, me abraçando e beijando minhas bochechas, antes de me dar um tapinha para que eu fosse logo para a cozinha.

Nossa casa era pequena. Eu me lembro bem do papel de parede verde, gasto, sujo e solto em alguns cantos, revestindo todas as paredes da casa, menos a pequena cozinha.

*Às vezes, eu fechava os olhos e me imaginava como naquela noite. Arrastando a velha cadeira até o armário e vasculhando com a mão até encontrar a última caixa de biscoitos.*

*Eu adoraria ter uma caixa de biscoitos agora. A fome era dolorida.*

Mamãe não me deixava comer mais do que três, então peguei minha medida e sentei no pequeno sofá duro, de frente ao pequeno rádio, ouvindo as transmissões que mamãe tanto pedia silêncio para acompanhar.

Foi naquele momento, enquanto anunciavam mais uma conquista do Führer, com Dina ao meu lado, que Hanz tocou a campainha.

*Eu já devia saber, graças ao arrepio gélido e incontrollável que subiu pela minha espinha, que aquele era o começo de tudo.*

Assisti sobre o ombro quando mamãe correu para a porta e o recebeu, beijando o homem nos lábios como uma adolescente irrevogavelmente apaixonada, e então me chamou para cumprimentar o homem.

— Venha, sobrinha — ela disse. — Venha cumprimentar o tio Hanz!

— *Hallo*, passarinho — ele disse com seu sorriso perverso no rosto. *Será que mamãe realmente não desconfiava?*

*Enquanto eu limpava o sangue que escorria da minha testa, me perguntei se minha mãe teria parado com aquela mentira caso soubesse o peso dela no futuro.*

+

Começava a anoitecer e, naquele cinco de dezembro, as ruas estavam mais movimentadas que de costume.

— Meu pai sempre me trazia para ver o festival. Será importante para essa menina também. — Ouvi Hanz dizendo para mamãe enquanto meus olhos se acostumavam com as tochas acesas e os pequenos gritos de susto que ouvíamos pela multidão que começava a se agrupar nas calçadas. — Escute aqui,

passarinho. — Ele me puxou pelo braço, chamando minha atenção para vê-lo ficar na minha altura. Seu hálito quente, cheirando a tabaco, bateu em meu rosto, contrastando com o vento gelado que castigava a pele ali a céu aberto. — Essa será uma lição que você deverá sempre lembrar. Se por acaso for uma menina má, o Krampus virá por você. Ele sempre vem por quem merece, entendeu?

As mãos ásperas que eu tanto odiava vieram sobre as minhas bochechas e apertaram.

Balancei a cabeça, tentando me livrar dele, mas só o fiz rir.

— Deixe-a, Hanz. — Ouvi mamãe falar baixo.

— Órfãos precisam de mais disciplina que os demais. Isso logo será comprovado.

— Ele se levantou e olhou para mamãe. — Os testes vão dizer algo sobre o cérebro deles mudarem por não terem a educação que deveriam dos pais.

— Theodora tem a mim. — Minha mãe me abraçou junto de suas pernas.

— Mas ela não é sua filha, querida. Precisa ser mais rígida, ou então quando ela crescer, poderá se tornar um problema. —

Engoli a ameaça que vi nos olhos de Hanz a seco e me mantive ali ao lado deles enquanto a noite avançava e o casal se abraçava, me deixando de lado, espectadora do ambiente, junto de Dina.

— Não vai demorar muito para começar — Hanz disse para mamãe assim que dois homens colocaram fogo em duas lixeiras. —

Será um belo espetáculo. — Ele parecia animado como uma criança e seus olhos brilharam ao barulho do primeiro guizo.

Eu paralisei no lugar enquanto via as sombras surgindo, e assim que vi a primeira criatura com o corpo coberto de pelos, me agarrei nas pernas de mamãe.

De repente, outra e mais outra foram surgindo, até que eram dezenas.

As máscaras que eram seus rostos, feitas de ossos. Os chifres em suas cabeças eram compridos e os corpos grandes, cobertos de pelos, me faziam lembrar um urso.

Mamãe percebeu que eu tremia e se abaixou, me abraçando e falando baixo ao meu ouvido.

— Não tenha medo, Theodora. São apenas homens fantasiados. Seja uma boa menina e nada de mau acontecerá. —

Ela sorriu, beijando minha bochecha, e se colocou de pé novamente.

Obedeci a mamãe, abraçando Dina contra o peito o mais forte que podia, e vi enquanto todos aqueles homens fantasiados de feras passavam.

— O Krampus vai te pegar! O Krampus vai te pegar! — Ouvi alguém gritar em tom de graça enquanto empurrava um menininho do outro lado da rua para a multidão.

O menino começou a chorar, esperneando, tentando voltar para a calçada enquanto os adultos riam. Eu dei um passo para frente, achando aquilo errado e não entendendo porque os adultos o faziam, mas antes que pudesse continuar avançando, algo aconteceu.

— Peguem esses moleques! — Escutei alguém na multidão gritar e logo em seguida tomei um empurrão.

— Saia da frente! — um dos meninos que vinha correndo e me empurrou, disse, enquanto o outro, rindo, pegava Dina e corria pela multidão, levando minha única amiga embora.

— Dina!

Eu não esperei que alguém fizesse algo. Mamãe e Hanz estavam tão distraídos rindo de coisas que eu não entendia, que me vi sozinha na missão de recuperar minha boneca, e no auge da minha coragem cega dos seis anos, me atrevi a correr entre a multidão, no meio da noite, atrás do ladrão que havia levado minha Dina embora.

Os meninos corriam muito, e por mais que meus pulmões queimassem como se eu respirasse brasas, não abandonaria Dina.

A multidão já estava longe quando eles viraram em uma rua e finalmente pararam.

Eu de frente para outros cinco garotos, todos nós apoiados nos joelhos, recuperando o fôlego e nos encarando como inimigos mortais.



— O que é que você quer, menina? — o mais alto deles perguntou, se erguendo, mostrando já ter se recuperado da corrida.

— Ele pegou minha boneca. Devolva. — Apontei para um menino de boina que tentava manter Dina escondida em suas costas.

— Minha irmã quer uma dessas — o menino justificou para o outro, me ignorando por completo.

— Dina é minha! — Bati o pé e cerrei os punhos.

— Vá embora, menina. Ela não é mais sua. — O garoto mais alto veio me empurrar, mas dois segundos antes de ele tocar em mim, o som alto de guizo veio do pequeno beco escuro ao nosso lado.

O menino parou com a mão no ar e se virou em direção ao som, assim como todos nós, e sendo o mais velho e líder, tomou a iniciativa de perguntar:

— Quem está aí?

Não houve resposta, apenas mais uma vez o som de guizos no ar e então, antes que pudéssemos fazer qualquer coisa, o chão começou a tremer. Todos nós nos desequilibramos e caímos no chão. Eu queria gritar, mas algo dentro de mim dizia para não o fazer.

Mesmo em meio ao desespero de todos os outros, eu não tinha motivo para temer.

Eu era uma boa menina e coisas ruins não aconteciam com quem era bom. *Era isso que mamãe me ensinava, era nisso que eu*

*acreditava.*

Então, como mágica, o chão se abriu na direção de três meninos, engolindo-os tão rapidamente que meus olhos mal conseguiram acompanhar.

Para o líder e o ladrão de bonecas, o que habitava o beco tinha um outro plano.

Garras negras e gigantescas surgiram, se esticando em direção aos meninos e se fincando como ganchos em suas pernas.

Atravessando pele, carne e osso. Eu nunca conseguiria esquecer o som do grito de dor que ouvi da boca deles.

Estridente, cru, visceral.

Mas tão rápido como começou, eles foram arrastados para o beco e assim que seus dedos sumiram na escuridão, os gritos se calaram.

Dava para sentir meu coração batendo forte enquanto eu estava deitada na neve encarando o beco. Eu sabia que havia algo lá e não demorou muito até eu conseguir ver, em meio a escuridão, os olhos de quem me encarava.

A cor amarela ocre em volta das pupilas negras em formato de fenda me observaram por um longo minuto, e quando eu decidi me mover, ouvi a voz de mamãe chamando meu nome.

— Theodora! Onde você está? — Virei a cabeça para vê-la e encontrei seu rosto assustado. — O que aconteceu, meu anjo?

Apontei para o beco e voltei para procurar os olhos animais que me encaravam, mas eles haviam sumido, assim como minha Dina.

— Ele a levou. Levou minha Dina — falei quando mamãe me pegou no colo enquanto ouvia Hanz dizer que eu merecia um corretivo.

+

O natal estava se aproximando. As poucas luzes que enfeitavam nossa rua anunciavam isso e eu aguardei ansiosa até que mamãe me chamou antes do jantar.

Eu sabia que era a hora da carta para o papai Noel, era a chance de pedir Dina de volta e ele não podia recusar, já que eu havia sido uma boa menina por todo aquele tempo.

— Querida. — Minha mãe me ajeitou em seu colo. — O que vamos pedir? Lembre-se que o papai Noel tem muitas crianças para presentear e precisamos ser humildes em nosso pedido. — *Teria sido tão mais simples se ela tivesse dito que não teria presentes naquele ano por causa da guerra...*

— Eu só quero que Dina volte, mamãe. Ela é minha melhor amiga. — Meus olhos inocentes de criança encararam o papel em branco enquanto minha mãe suspirava.

— Você perdeu Dina, Theodora. Se ganhar uma boneca nova terá que ser cuidadosa, ou então vai ganhar um carvão. — O

tom cansado de quem havia trabalhado demais na costura não impediu minha mãe de descontar em mim suas frustrações.

— Mas mamãe, eu juro, o monstro levou Dina! — Virei-me para ela, tentando ver seu rosto, mas antes que pudesse fazê-lo, minha mãe me tirou de seu colo e me fez ficar em pé ao seu lado.

— Theodora, você está crescendo, precisa começar a admitir seus erros. Não foi nenhum monstro que levou a boneca, foi um daqueles ladrões que conseguiu levá-la. Eu já avisei mil vezes para não sair com os brinquedos na rua e você não me obedece.

— Não, mamãe. Depois! No beco, o monstro abriu a terra e engoliu os meninos! — contei, como já havia feito antes, na vã tentativa de ela acreditar em mim, mas mamãe não acreditou. Ao contrário disso, sua mão veio com tanta força no tapa que deu em minha boca, que senti o lábio rasgar por dentro ao bater nos meus dentes.

— Pare de mentir! Não existem monstros, Theodora! Pare de inventar essas histórias! Você perdeu a boneca e por ser uma

menina mentirosa, eu duvido que o papai Noel vá te dar outra! —

mamãe disse, gritando na cozinha, mas eu já estava longe, correndo pelo corredor enquanto chorava, com medo de mais um tapa injusto.

Eu não era mentirosa, eu era uma boa menina. Mas mamãe não acreditou nisso e, como castigo, e *pela família de Hanz que jamais aceitaria que sua nova namorada tivesse um peso, fosse filha ou sobrinha*, fiquei sozinha em casa na noite de natal.

— Você já jantou, já escovou os dentes e já rezou, certo? —

mamãe perguntou, sentada na minha cama. Eu estava coberta, triste e sonolenta, mas eu a amava.

— Sim. Você vai me deixar?

— Só por algumas horas, querida. Se comporte e tente dormir. Quando acordar eu já estarei aqui. — Ela se abaixou, beijando meu rosto, e se foi.

Hanz estava na porta do quarto, observando em silêncio, e eu não me atrevi a dizer qualquer coisa. Se eu estragasse o namoro deles, mamãe nunca iria me perdoar, ainda mais depois de ele ter trazido comida na última semana.

O abajur ao lado da minha cama ficou ligado, me dando conforto enquanto, sozinha e acordada, eu sonhava com a chegada do papai Noel.

Mesmo com mamãe dizendo que eu não merecia, eu sabia que sim, que havia sido uma boa menina, que havia feito tudo direito. Que merecia minha Dina de volta, e *comida, e carinho*.

E eu tive aquilo, mas não como esperava.

Abraçada ao travesseiro, ouvi quando algo fez barulho na sala, como um vidro quebrado.

Me sentei num pulo e esperei.

Não houve um segundo barulho até eu ouvir o chão de madeira do corredor ranger. Algo muito pesado e grande andava ali.

Alguém que não era minha mãe.

O grito morreu na minha garganta pequena e infantil, e na fé de que meu cobertor me protegeria, me deitei, cobrindo a cabeça, mas deixando uma pequena brecha para que pudesse ver quem se aproximava.

Eu contei as passadas lentas, pesadas e que faziam o chão ranger.

*Eins, zwei, drei, vier, fünf.*

Cinco passadas pesadas até ele parar em frente à minha porta.

O abajur em cima da mesa de cabeceira falhou uma vez e eu me abracei, tentando fazer do meu corpo uma pequena bola impenetrável.

Eu também devia ter fechado os olhos, mas não consegui.

No escuro, tudo parecia igual.

O silêncio fazia a base da minha coluna doer, meu estômago tremer, e a vontade de chorar ser imensa. Mas eu fui forte, corajosa e boa.

*E os bons não temiam.*

Fechei os olhos com força no momento em que a luz do abajur acendeu novamente e pensei alto.

— Papai Noel? — perguntei baixo e ouvi um pequeno riso em resposta. — Quem está aí? — Reunindo toda a coragem que meu “eu” de seis anos tinha, descobri a cabeça e encarei a porta, e o que eu vi quase fez com que eu urinasse ali mesmo.

A figura negra parada no batente era muito alta, esguia, forte. Eu não conseguia ver muito, porque apesar da pouca luz do quarto, havia uma névoa escura em volta daquilo, e eu fiquei refém das silhuetas, nada comuns, enquanto meus olhos se adaptavam aquela escuridão...

A cabeça era o mais assustador.

Parecia que tinha chifres grandes e curvados, e o cabelo comprido, que se misturava ao contorno dos braços e então das

mãos. As mãos eram grandes, mas não eram elas que me assustavam e sim as garras compridas que eu conseguia começar a enxergar com mais clareza.

— Não tenha medo. — A voz ecoou dentro da minha cabeça em um tom masculino, profundo e frio. — Eu não estou aqui para te punir, *kleines Mädchen*.

Então a luz do abajur começou a ficar cada vez mais forte, me obrigando a tapar os olhos, até que o escuro total tomou conta do ambiente quando a lâmpada explodiu. Eu tentei gritar ao ouvir o som seco da pequena explosão, mas ao abrir a boca, nada saiu.

Sentada na cama, voltei a cobrir minha cabeça e fechei os olhos, abraçando os joelhos e rezando para mamãe aparecer.

Eu achava que sabia quem era aquele na porta do meu quarto, mas ele não era nada parecido com o que as pessoas diziam.

O ar ficou mais frio. Mesmo embaixo do cobertor, eu pude sentir quando a janela acima da minha cama soprou o vento

gelado de inverno para dentro e minha respiração virou fumaça em minha boca.

Eu ouvi outro passo, como cascos batendo contra a madeira do chão.

Pesado e intenso. Eram passos de alguém muito decidido.

*Eins, zwei, drei.*

Contei três passadas até sentir a presença ao meu lado.

— Eu disse — A voz dessa vez não ficou apenas em minha cabeça, mas ecoava por todo o quarto enquanto eu sentia algo puxar a coberta — para não ter medo. — Tentei segurar o tecido, mas o que estava do lado de fora era muito mais forte.

Abaixei o rosto, apoiando a testa no joelho, mantendo os olhos fechados, sentindo o coração batendo rápido demais, procurando um pouco da coragem para pôr para fora, em vez das lágrimas grossas que molhavam minhas bochechas.

De repente, senti algo mexer no meu cabelo. Eu não me movi, apenas esperei enquanto ele movia os dedos curiosos pelas feridas no meu couro cabeludo.

Foi estranho e eu não consegui relaxar por nenhum segundo, mas eu já não chorava. Boas meninas não precisavam se preocupar. Coisas ruins só aconteciam com quem era mau.

A criatura se afastou da minha cabeça e em seguida minha cama rangeu quando o peso de outro corpo se sentando forçou a malha de ferro que sustentava o colchão.



— Theodora, abra seus olhos. — Ouvi a voz em minha mente e balancei a cabeça, me negando. — Abra. Eu tenho um presente para você.

— Você só dá carvão — eu respondi, desacreditada. — E você machuca as pessoas. — A risada que eu ouvi em seguida foi de arrepiar os pelos da nuca.

— Já que você parece saber tanto sobre mim, diga meu nome — ele pediu e eu me neguei. — Boas meninas obedecem.

Fale e eu darei seu presente. — A ameaça por trás daquelas palavras atingiram meu pequeno coração e, com medo do que ele poderia fazer, ergui o rosto, pronta para encará-lo.

Mas assim que levantei a cabeça e respirei fundo, tomando coragem para abrir os olhos, ouvi a porta de casa ser aberta e o interruptor barulhento da sala fazer seu *clack*.

O peso extra na cama sumiu de um segundo para outro e eu soube que ele não estava mais ali.

A voz de Hanz era alta também, como se estivesse embriagado.

— Vamos! — O ouvi dizer, animado.

— Preciso ver se ela está bem, se está dormindo. Vá para o quarto e me espere lá. — Escutei mamãe respondendo.

Me deitei, fingindo estar dormindo enquanto ela se demorava na porta do quarto, vendo se estava tudo em ordem.

Quando ela fechou a porta em uma batida baixa e seca, eu abri os olhos e me sentei, encarando a parede de frente para minha cama.

— Eu sei seu nome — disse baixo quando tive certeza que mamãe estava longe. — Você é o Krampus.

Os olhos amarelados surgiram na parede do meu quarto e eles pareciam sorrir, junto da voz que surgia na minha cabeça.

— Boa menina — ele disse, e então, como se por um milagre, Dina apareceu andando, saindo da parede, vindo na direção da minha cama com um biscoito na mão.

Minha boca se abriu, não podendo acreditar no que eu via.

Minha boneca jogou o biscoito em cima do meu cobertor e escalou a cama, até chegar ao meu colo e me abraçar.

— O mestre gosta de você. — Eu a ouvi dizer com a voz que sempre imaginei que ela teria, então voltei a olhar para a parede, procurando por ele para agradecer, mas os olhos haviam sumido, assim como a escuridão sobre o meu papel de parede, e tudo o que restava nos meus braços era uma boneca inanimada.

Abracei Dina, feliz por tê-la de volta, sabendo que ser uma boa menina havia valido a pena.

Talvez o Krampus não fosse tão mau como todos diziam.



## **PARTE 2**

### **DESCOBRINDO-O**

*“Alguns de nós estão destinados a sobreviver”*

*The Devil in I - Slipknot*

As coisas estavam difíceis. A guerra parecia levar tudo de nós e por conta disso, mamãe se casou com Hanz e me mandou para um internato.

Eu sabia que ela não tinha dinheiro para pagar um bom colégio, por isso não fiquei brava quando vi o estado do lugar. Os quartos eram apertados para a quantidade de gente dentro, os banheiros escuros e com problemas de vazamento, e a cozinha nos servia a mesma comida com gosto esquisito todos os dias.

Eu não reclamei.

Boas meninas entendiam quando a vida precisava ser dura.

Mamãe havia me explicado o motivo de me mandar para longe. Ela iria preparar as coisas para contar para Hanz que eu era sua filha e me levaria para morar em sua casa nova de campo em breve.

Mas o “breve” passou e eu estava há quase dois anos naquele lugar escuro e triste, com apenas cartas quinzenais que mamãe mandava.

Em todas elas havia um recado secreto para eu aguardar mais um pouco, mas a guerra deixava tudo muito mais intenso.

Principalmente na última visita, quando Hanz viu meu cabelo em sua cor de nascença.

— Se formos vistos com ela, como poderemos provar que essa menina não é judia? — Foi o questionamento dele antes de

dar um tapa no rosto de mamãe com as costas da mão.

Eu o odiava, cada dia mais, mas isso não fazia os dias mais amenos.

Era meu dia de ajudar na cozinha depois do almoço.

Com dezembro chegando e as temperaturas cada vez mais baixas, buscar água no poço era uma tarefa complicada e dolorosa, mas eu precisava fazer para poder lavar os pratos, e aquilo era melhor do que cuidar dos banheiros.

Garotos encrenqueiros eram deixados para cuidar da pior parte como castigo e eu vinha fugindo de Remi Lester por conta disso. O menino havia me dado um soco nas costelas quando eu não estava vendo, e foi punido.

Pelo menos ali havia justiça, mesmo que ele tivesse jurado vingança.

Terminei meu turno na cozinha e, depois de deixar todas as panelas brilhando e os pratos e talheres no escorredor, dobrei meu avental, peguei meu casaco e roubei um pedaço de pão velho que sobrou do café e iria para o lixo.

Eu não tinha nenhum amigo ali. Meus cabelos escuros e o medo de eu ser judia acabava afastando todos. Eu sabia que não era, os professores e funcionários também, mas nenhuma criança acreditava.

As lendas sobre os judeus se espalharam rápido demais depois de a guerra começar, e aquelas crianças acreditavam nelas piamente. Era comum ouvir umas ameaçando as outras, dizendo que os judeus as cozinhariam e comeriam em vingança. Eu não acreditava, sabia que qualquer pessoa que estivesse contra o lado de Hanz era uma boa pessoa. Mamãe era a única que não via isso, mas um dia iria, e me buscaria daquele lugar.

Abri a porta da cozinha e saí no vento frio da tarde. O

inverno castigava o terreno dentro dos muros, mas não afastava os gatos de rua, tão famintos que eram atrevidos o bastante para pedir comida a qualquer um disponível.

— O que é? Estão com fome, amiguinhos? — Me agachei no canto, perto dos felinos falantes. Eles miavam alto enquanto se revezavam em cheirar minha mão. — Eu tenho algo para vocês. —

Tirei o pão do bolso e dividi entre os três gatos. Não era muito, mas seria o bastante.

— Olhe quem está ali, alimentando gatos pretos! É uma bruxa!

Ouvi os gritos e então me virei para encarar quem vinha, mas antes de poder ver qualquer um, senti a porrada na cabeça.

Doeu muito, parecia que haviam rachado meu crânio e aquilo fez minha visão ficar embaçada.

Meu corpo ficou mole e antes que eu reunisse forças o bastante para gritar algo, fui atingida novamente e apaguei.

+

Tudo estava duro. Meus dedos pareciam pertencer a outra pessoa, meu corpo estava pesado e frio, mas assim que abri os olhos, lembrando do que aconteceu, o ar entrou com força nos meus pulmões e eu me sentei rápido demais.

A sensação era de quebrar o vidro ao redor da pele e dos ossos.

Encarei em volta e achei o que havia me atingido. Duas pedras grandes perto de mim haviam feito o trabalho de abrir minha cabeça. Passei os dedos pelo sangue seco, sentindo a dor percorrer meu corpo e me fazendo sentir viva.

Engoli a vontade de chorar e me ergui, apoiando-me na parede enquanto o sangue voltava a correr pelo corpo. Era difícil, mas em alguns minutos eu estava em pé novamente.

Era uma pena que eu não pudesse dizer o mesmo dos gatos.

Foi como um soco no estômago ver os três corpinhos jogados na neve e as cabeças desaparecidas. Meu corpo protestou,

me fazendo curvar para vomitar o que ainda tinha dentro do estômago.

Minha única companhia havia sido tirada de mim de forma cruel e eu não me aguentei. A fé estava no fim, a chama havia se tornado uma pequena brasa, e eu terminei de apagá-la quando peguei minha carta para o papai Noel no bolso, que continha uma única frase. “Por favor, um amigo.”

Me sentindo furiosa como nunca havia antes, rasguei o papel em milhares de pedaços e os soprei no ar.

Boas meninas deveriam chorar, mas tudo o que eu tinha no momento, era muita raiva dentro do meu coração.

+

Demorou para eu pegar no sono, mas finalmente consegui.

Só não esperava que aquele começo de dezembro trouxesse de volta a minha memória mais secreta.

Começou devagar, um pequeno puxão no cobertor, um toque no meu rosto, e então, abri os olhos e encontrei Dina de pé.

Abracei a boneca com força e quis chorar, mas ela segurou meu rosto e lambeu com sua língua áspera a lágrima silenciosa que rolou pela minha bochecha.

— Não faça barulho. O mestre tem um presente para você.

— Minha boneca me tirou da cama na madrugada, segurando a barra da minha camisola, e me levou para fora.

Eu segui, confiando que a criatura que a havia me trazido de volta não fosse o monstro que todos diziam. Na verdade, eu começava a acreditar muito mais nele do que no papai Noel.

— O que viemos fazer aqui? — perguntei quando a boneca me fez parar no mesmo lugar que eu havia sido machucada naquela tarde.

— Olhe, apenas olhe. Já vai começar! — Ela bateu palmas e se sentou no chão coberto de neve, enquanto fiquei parada ali, de costas para o muro, sentindo não estar sozinha.

Meus olhos não acreditaram no que viam e só quando me encostei na parede, soube que aquilo não era um sonho. Crianças eram levadas até o grande pátio, amarradas, arrastadas, carregadas.

Eram nove.

— O que está acontecendo? — perguntei baixo e Dina me respondeu como se assistisse ao filme mais empolgante do século.

— Eles te machucaram, agora serão machucados. — O tom dela foi calmo, como se fosse algo absurdamente óbvio.

— Mas o que são aquelas coisas? — Apontei para as formas esquisitas, que pareciam anões, mas de longe eu não podia afirmar.

— Alguns brinquedos e elfos. Todos eles trabalham para o mestre.



As crianças gritavam, o desespero era palpável.

De repente, um elfo colocou fogo em uma criança amarrada.

As chamas engoliram o corpo rápido demais, mas não o suficiente para que o grito de agonia dele fosse silenciado, ecoando fundo nos meus ouvidos.

Meus pés vacilaram para frente, afim de ir ajudar.

— Não. — A voz que eu não ouvia há tempo demais ecoou na minha cabeça e eu paralisei no lugar. Fechei os olhos, tentando saborear as sensações que aquilo me causava, mas os gritos não permitiram. Tentei dar mais um passo e então senti o peso no meu ombro e a palavra de ordem se repetir nos meus ouvidos. — Eu disse não.

Olhei para o meu ombro e finalmente vi aquilo que eu evitei ver quando tinha seis anos de idade. A mão negra com garras enormes pousada sobre minha camisola, me impedindo de prosseguir.

O ar dos meus pulmões sumiu por um segundo, assim como a minha capacidade de fala.

— Eles vão morrer — falei baixo e tive minha resposta.

Em minha mente, um filme começou.

Eu reconheci cada um dos rostos que me foi mostrado e vi cada uma das maldades feitas, incluindo a última, com Remi Lester degolando os gatinhos famintos.

— Os corações deles são negros, pequenina. Eles me pertencem — a voz que eu secretamente senti falta sussurrou, justificando o que fazia.

E ali, junto do Krampus, eu assisti enquanto os elfos arrancavam pernas e braços das crianças e os brinquedos devoravam a carne fresca.

Ouvi o barulho do casco dele batendo no chão e uma rachadura passou por baixo dos meus pés em direção ao circo de horrores.

O chão tremeu e se abriu, vermelho, quente, perigoso, e eu dei um passo para trás, me aninhando na parede de tijolos que abrigava o causador de tudo aquilo.

Um a um dos nove corpos foi despedaçado. Isso depois de passar por açoitamento, ou queimaduras, ou qualquer outra tortura que aqueles seres pequenos e vis achassem cabível, e no último segundo, o que restava das crianças era jogado no fosso fumegante.

— Aí vem a parte final! — Dina comemorou, batendo palmas.

Seu mestre tirou a mão do meu ombro, vendo que eu não fugiria, e eu pude ver de relance os olhos amarelos com fendas felinas na parede, observando tudo junto de mim.

Remi era empurrado com um tridente, parecia machucado e assustado, mas, por algum motivo, eu não tive dó.

Ver todas as maldades que ele já havia cometido me fez acreditar que o senso de justiça do Krampus era muito mais aguçado do que o do mundo real.

Por isso eu não gritei quando vi um elfo subir no pescoço de Remi, nem fechei os olhos ao ver a cabeça sair do tronco como se fosse uma batata sendo colhida.

O corpo de Remi caiu sem vida para dentro do buraco na terra e ele se fechou como se nunca tivesse existido.

— Adeus, Theodora. — Ouvi a voz masculina e forte na minha mente se despedindo, e quando virei para vê-lo, finalmente, já não estava lá.

Encarei a parede por algum tempo, passando os dedos nos tijolos e desejando que ele tivesse me levado junto, fosse para onde quisesse. Eu só queria ir embora.

— Acabou — Dina anunciou, chamando minha atenção e fazendo eu me virar para o pátio. Não havia ninguém mais ali, os elfos haviam sumido, os outros brinquedos também. — Vamos lá perto, acho que tem outro presente para você.

Minha boneca limpou a neve do vestido e caminhou à minha frente. Minhas pernas seguiram sozinhas, como se aquele fosse um passeio muito comum. Dina correu na frente e começou a pular na neve, comemorando.

— O que você encontrou? — perguntei antes de ver o que ela via.

— A cabeça dele ficou muito bem fora do corpo — minha bonequinha disse no último pulo de comemoração, então caiu inerte no chão e eu soube que havia acabado.

E ficamos ali, eu, o frio, as manchas de sangue espalhadas no chão, e a cabeça de Remi Lester.

Aquele era um belo presente de natal adiantado.



### **PARTE 3**

#### **CONQUISTANDO-O**

*“Aqui estou eu, desamparado e abandonado à morte.”*

*Dance with the devil - Breaking Benjamin* Aqueles dias foram os mais difíceis. Ainda existia algo dentro de mim que clamava pela chance de ser livre. Que acreditava que algo bom aconteceria, mas a chama que foi reacendida aos meus dez, parecia fraca demais novamente aos meus quatorze.

Quatro anos de banhos gelados, choques e medicação.

Assistir à justiça do Krampus me levou até o mais fundo do poço, e ali, no corredor daquele manicômio, na sala 23, eu tinha certeza disso.

— Confira se ela não pegou tuberculose. Eu não arriscaria.

Ela é tão magra e louca, que se aparecer morta amanhã cedo, não vai me surpreender. — Ouvi o enfermeiro dizer.

— Vou esperar até que a barra esteja limpa. Se o teste der negativo, talvez eu me demore um pouco por aqui. Me contaram que até hoje ela só tinha sido cuidada por mulheres. Quem sabe eu não tire o cabaço dela hoje mesmo?

Ouvir aquilo fez meu coração rachar. Deitada com apenas a camisola hospitalar que éramos obrigadas a usar para avaliação, eu fechei os olhos, pensando em rezar para ele.

Eu achava que tinha entendido como funcionava, mas tinha medo que depois de ele ir embora, minha vida virasse um inferno ainda pior.

Então, como a boa menina que eu era, aguentei firme até o último, mas aquilo era demais.

Quando a porta atrás de mim se fechou, ergui a cabeça para conferir se estava sozinha e me levantei, procurando algo que pudesse usar caso fosse preciso me defender. Revirei a pequena sala, as caixas de papelão vazias em cima da pia, o pequeno armário arrebitado no fundo da sala, e nada... Não havia nada.

Suspirei, quase me dando por vencida, e olhei para cima para tentar evitar as lágrimas. Foi então que eu vi um pedaço de ferro irregular em cima do armário enferrujado. Me estiquei na ponta dos pés e consegui pegar o que já tinha sido uma das pernas do móvel.

Estava enferrujado, mas ainda servia.

Voltei a me deitar, colocando o ferro na beira do colchão fino, e me encolhi na cama, cobrindo-me com o lençol leve o máximo que podia.

Eram dias conturbados, mas eu tinha sobrevivido.

Lutei contra a dor, contra o frio, contra a fome, contra o silêncio e contra a solidão. Quando me deixaram ali, nem mesmo Dina eu pude manter.

E todos os dias eram demais.

A parte realmente doente daquele lugar era grande, mas algumas pessoas só estavam lá, abandonadas, como eu.

Ninguém acreditou quando eu contei o que aconteceu no pátio do colégio. Ninguém, nem mesmo minha mãe, abriu a boca para me defender. E quando eu gritei um “mamãe” desesperado no momento em que os guardas me arrastaram, Hanz cuspiu nela na frente de todo o tribunal.

A porta atrás de mim fez barulho e eu deixei de lado as lembranças rancorosas que guardava, me concentrando no enfermeiro que assobiava a música que tocava praticamente o dia todo na sala de convivência.

— Theodora, Theodora... Como uma pequena florzinha como você sobreviveu pura no meio desse campo minado de merda? — ele falou baixo e fechei os olhos enquanto meus dedos se agarraram com força em volta da barra de ferro. — Como você conseguiu se esconder? — Senti quando ele puxou o lençol e esperei.

A mão grossa, quente e pesada, passou por minhas costas nuas e eu abri os olhos, encarando a parede à minha frente, enquanto o sentia ir em direção ao meu traseiro, e então, o maldito enfermeiro passou os dedos em minha intimidade.

Era demais.

Eu não gritei, nem mesmo quando a barra de ferro que eu tinha nas mãos entrou na barriga do homem que tentava abusar de mim.

— Não encoste em mim, porco.

Cuspi nele, como a pequena selvagem que era, e me afastei enquanto via o sangue surgir em volta de onde a barra de ferro havia entrado. O tecido branco da blusa dele começava a encharcar, a boca se abriu enquanto os olhos assustados me encaravam como se tivessem visto o próprio demônio.

Como se não acreditasse que alguém tão pequeno e frágil pudesse ter acabado com ele.

Se *ele* estivesse ali para me mostrar todos os pecados daquele homem que caía de joelhos na minha frente, conforme sangrava pela boca, com toda a certeza eu teria feito pior.

O baque do corpo no chão me despertou.

Aquilo era matar e eu não sentia nada, nenhum arrependimento.

Olhei para meus pés brancos e pisei no sangue que escorria do homem.

— Mas que porra aconteceu aqui? — Ouvi quando seu amigo enfermeiro abriu a porta e me viu parada ali com o cadáver.

— Ele não foi um bom menino — disse para o enfermeiro e não lutei quando ele veio para cima de mim.

Eu estava farta daquilo.

+

Só havia ido para a solitária uma vez. Quando, depois de todos os tratamentos, eu continuava contando a versão verdadeira do que havia acontecido.

Saí por ter admitido minha culpa pela morte de Remi e voltar para lá não era bom.

Fui jogada de qualquer jeito contra o chão almofadado e duro, molhada depois de um banho de mangueira, e ainda presa pela camisa de força. Bateram a porta e me deixaram no escuro, me recuperando da dor física que os socos e chutes causaram.

Tentei me encolher o máximo que podia e esperei até o corpo secar.

Alguma hora ia. Eu só esperava aguentar.

Peguei no sono e, no sonho, eu estava de joelhos, rezando para que o Krampus aparecesse com sua justiça divina.

Ele não era um demônio como tinham feito todos acreditar.

Era apenas um anjo justiceiro.

— Acorde, sua pequena putinha! — Ouvi um enfermeiro gritar pela pequena abertura na porta. — Você vai apodrecer aí dentro. Vai se mijar e cagar, vai comer sua própria sujeira, e quando parar de respirar, eu farei questão de colocar fogo nessa cela. — A luz que vinha da pequena abertura se foi junto do homem vingativo.

Se eles queriam me levar ao inferno, eu os levaria primeiro em uma passagem só de ida.

*Krampus, querido Krampus. Eu não sei se já é dezembro, eu não sei se você ainda lembra de mim, mas estou aqui,*



*pedindo por você. Se eu merecer, salve-me, por favor, pedi em silêncio e*

fiquei repetindo seu nome em minha mente, como um alarme, esperando que isso o fizesse despertar.

Eu já estava fraca e dormir era a melhor opção quando não conseguia enxergar nada. Mas mesmo lutando para voltar ao sono, algo dentro de mim me pedia para acordar, para tentar, então eu não desisti.

Me virei como dava, sentindo os braços dormentes por estar tanto tempo com eles na mesma posição, e me deitei de lado.

Não havia nada para fazer, então recomecei minha prece apenas com o nome dele.

*Krampus, Krampus, Krampus*, falei baixo, com a boca seca e a língua dolorida.

Então, no meio do silêncio maldito daquele cômodo, eu ouvi o primeiro grito.

Logo, mais um, seguido de um pedido de socorro.

Meu corpo vibrou. Será que era ele?

Não demorou muito para o inferno ser liberado.

Eu não podia ver, mas ouvia tudo.

Gritos e rugidos, misturado com risos cruéis. Gritos e tiros, ao fundo de uma gargalhada em minha mente que eu sabia ser *dele*.

Foi então que o silêncio prevaleceu sobre o barulho ensurdecedor.

Meu coração parecia pertencer a um pequeno rato de tão rápido que batia.

Me sentia parte do escuro naquele momento. Era como se eu fosse parte das paredes e do chão, esperando ansiosamente pelo feixe de luz que poderia me separar daquilo, então, quando a porta foi arrancada e a luz entrou, eu não fechei os olhos.

Ardia, mas era bom. Principalmente porque a figura que eu tanto esperei ver por completo estava em pé, parada na porta, com

um sorriso no rosto enquanto os olhos amarelos me analisavam.

— Pensei que não me chamaria... — A voz ecoou dentro da minha cabeça e eu me vi chorando, mas não avancei. — Não me reconhece, Theodora?

Eu reconhecia, mas os olhos amarelos me hipnotizaram.

Ele não esperou, avançou passo a passo para dentro da sala, e conforme eu o via andar, sua aparência mudava.

Os chifres sumiram, a pele clareou, os cascos se foram.

Quando Krampus se ajoelhou, nu, à minha frente, a única coisa que não parecia humana, além das unhas, eram seus olhos.

Eles não haviam mudado.

Ele me segurou pelos antebraços e me forçou a ficar em pé.

As unhas compridas me livraram da camisa de força e mesmo roçando na carne e machucando, eu não reclamei.

Estava livre, e a liberdade deveria doer também. Era o preço.

A música que costumava tocar na sala de convivência ecoou do lado de fora, interrompendo o silêncio de nós dois, e eu olhei assustada.

— Não precisa temer nada lá fora.

A mão dele puxou meu rosto para olhá-lo e eu obedeci. Ele sorriu, como se fosse um jogo divertido, colocando meus braços adormecidos para cima do seu pescoço e me pegando pela cintura.

Eu não me importei de estar seminua, nem mesmo da total nudez dele. Quando ele puxou meu corpo contra o seu, o calor que ele emanava me aqueceu por inteira. Era confortável como estar em casa, mas dentro dos braços de um espírito antigo e maligno.

O Krampus me colocou para dançar em seu ritmo, me guiando para fora daquela solitária suja e escura, girando comigo em seus braços, passando por cima dos corpos caídos e do sangue que se espalhava pelo chão. Alguns elfos dançavam com

cadáveres, e ou com outros pacientes do sanatório que não haviam sido mortos.

Não precisei perguntar o porquê.

Meus olhos não conseguiam deixar o rosto dele e tentei, de todas as formas possíveis, gravá-lo detalhadamente para que não acabasse acreditando na mentira de que aquilo era só um sonho.

— Não, você não sonhou antes e não está sonhando agora

— ele disse depois de gargalhar dentro da minha mente. —  
Você não faz ideia de que dia é hoje, não? — perguntou,  
mas dessa vez com sua voz ecoando no ambiente.

Balancei a cabeça, negando.

— Cinco de janeiro, *kleines Mädchen*. Eu vim por você. —

Sem esperar algo de mim em resposta, ele se curvou sobre  
meu rosto, tocando minha boca com seus lábios macios, e  
eu o beijei de volta, chorando enquanto saboreava o gosto  
agridoce da liberdade e da corrupção.

Aquele foi o melhor sabor que já tive sobre a língua na vida.

Assim que afastamos o rosto um do outro, a sensação de  
calor passou e o vento frio me arrebatou. Abri os olhos,  
buscando vê-lo ali, mas tudo o que encontrei foi seu rastro  
de destruição para me salvar.

Aquele foi um fator decisivo na escolha de continuar sendo  
uma boa menina. Talvez as más se dessem melhor.



## **PARTE 4**

## **PERDOANDO-O**

*“Então, ninguém se move, porque fui enviado para avisá-lo:  
O diabo está no quarto ao lado”*

*DEVIL - Shinedown*

Livre do manicômio eu pensei que a vida seria diferente, mas me encarando no espelho quebrado do quarto enquanto vestia as calças, pensei no quanto eu o odiava por ter me libertado em um mundo destruído.

Minha mãe havia morrido um mês depois de eu ter voltado para casa e Hanz dizia que era de desgosto pela filha louca. Eu tinha certeza que era consequência de alguma hemorragia interna que não havia sido tratada.

O mais doloroso daquilo tudo foi precisar prometer, enquanto o sangue escorria pelo canto da boca e dos ouvidos dela, que eu seria uma boa menina e cuidaria da casa, de Hanz e de mim.

Aquilo sim doeu como brasa na pele.

— Passarinho, vá logo! O mercado vai fechar! — Hanz gritou do andar de baixo e me sentei na cama, colocando as botas, não respondendo.

Se eu não tivesse prometido nada, poderia ter matado Hanz e me livrado dele na semana seguinte ao velório dela, mas eu não o fiz.

Todas as vezes que ele me usava, apertando minha cabeça contra o colchão, eu repetia a promessa que havia feito e esperava que acabasse tão logo quanto começou.

— Theodora, eu não vou falar de novo! — ele gritou mais uma vez e eu saí no frio.

Nos dias em que eu não lutava, ele não me machucava tanto, então eu desisti.

A força física dele era muito superior à minha. Peso, altura, estrutura. Hanz também era esperto o bastante para não me deixar perto de nada cortante quando ele estava em momentos de repouso.

Eu pensei em contar para algum vizinho que me olhava com dó quando me via na rua, mas assim que eu os cumprimentava, eles fingiam não me ver.

Algumas vezes, eu pensava em como seria arrancar os dentes de Hanz do mesmo jeito que ele arrancava as tampas das cervejas. Outras vezes, eu rezava baixo, mas sem dizer o nome dele, para que ele viesse e desse conta do meu maldito padrasto.

Mas ele também não veio. Por nenhum dia daquele maldito e solitário dezembro.

Se eu fosse gritar ao mundo o que acontecia ali, quem acreditaria em uma foragida com problemas mentais? O que era minha palavra contra a de um velho herói de guerra?

Não havia ninguém para me proteger, ninguém para me vingar, mas talvez, só talvez, se eu o chamasse pelo nome...

Respirei fundo, engolindo minha mágoa da vida, e entrei no pequeno mercado do vilarejo. A ceia de natal daquele ano seria por minha conta.

+

Gastar meu tempo cozinhando enquanto Hanz enchia a cara não parecia algo ruim. Na verdade, o som da televisão e o cheiro da comida sendo preparada deixava uma falsa sensação de paz dentro de mim e eu permiti que aquilo se instalasse, mesmo que momentaneamente.

Era a porra do natal.

Coloquei meu lugar na mesa, fiz meu prato e me sentei, faminta e cansada.

Dei a primeira garfada no prato, a segunda e a terceira.

Hanz se levantou e me chamou, eu não respondi.

— Passarinho? — Ele se virou, me encarando de sua poltrona. — Não vai me servir?

Eu não respondi, engolindo a comida que ainda estava na boca, respirando fundo para não perder o apetite.

Hanz se levantou e andou, meio cambaleando, na minha direção.

Ele chegou bem próximo, apoiando uma mão pesada e grossa na mesa e a outra na minha nuca.

Machucava.

— Eu perguntei se não vai me servir, passarinho. Está surda? — Olhei para Hanz pelo canto dos olhos, com tanto ódio por tudo o que havia passado até ali por culpa dele, que sem pensar, cuspi em seu rosto.

O homem foi implacável, forçando minha cabeça contra o prato de comida e me empurrando, me deitando sobre a mesa.

— Você precisa de uma lição, Theodora. Mas vai cantar direitinho, como o bom passarinho que é — ele falou enquanto lutava comigo para me manter como queria.

Eu sabia o que viria em seguida, eu sabia o que me esperava.

Com o rosto sujo, as mãos presas e o corpo imobilizado, enquanto ele tentava arrancar minhas calças, eu desisti do orgulho.

Foi como se eu assistisse o tempo ficar lento, até parar, enquanto o nome dele saía da minha boca.

— Krampus.

Soprei uma única vez e aquilo foi o suficiente.

Uma a uma as luzes da casa estouraram e eu não pude evitar sorrir.

Hanz me soltou no susto e encarou a TV que explodia e o deixava assustado.

Me ergui devagar enquanto as janelas de casa começavam a abrir e fechar sozinhas. Encarei a porta, assim como Hanz, ansiosa para o que veria, e quando ela se abriu, eu não senti medo, nem rancor.

A besta-fera estava ali, por mim, e Hanz estava fodido.

Meu padrasto correu para o andar de cima assim que se recuperou do choque. Eu sabia o que ele havia ido buscar sua arma escondida dentro do guarda-roupa.

O casco fez barulho contra a madeira do chão, mas eu não me movi, nem mesmo quando ele tirou a cadeira que o



impedia de ficar próximo a mim.

Os olhos amarelos me encarando com ansiedade e desconfiança. A mão dele veio até meu queixo e suas garras arranharam minha pele, mas eu não recuei e o fiz sorrir.

— Eu... — comecei a falar, mas ele apenas balançou a cabeça em negativa, fazendo os cabelos negros se mexerem junto dos chifres.

Quando a besta-fera que me protegia pegou minha mão e me puxou escada acima, a voz dele ecoou dentro da minha mente.

— Você poderá continuar com sua promessa, menina. Sou eu quem vai punir esse homem. — E enquanto eu subia, degrau a degrau, ele me mostrava como Hanz havia sido podre no passado, antes de conhecer minha mãe, na guerra, e depois, com ela.

Meu coração estava pesado com algo grande demais para ser contido. Eu queria matar Hanz com as minhas próprias mãos por tudo o que ele havia feito aos outros, à mamãe e, principalmente, a mim, mas assim que coloquei a mão na maçaneta da porta, decidida a entrar ali e acabar com aquele homem cruel e sem alma, meu anjo salvador me segurou.

A memória que ele trouxe foi a de mamãe no meu colo, da promessa que eu havia feito.

— Boas meninas não quebram promessas. Fique e assista

— ele disse dentro da minha mente.

— Mas eu quero participar — respondi.

— Você vai, mas espere — ele me falou e abriu a porta.

Hanz estava ajoelhado ao lado da penteadeira, atrás da cama, a usando como barricada. A arma apontada para o Krampus, pronto para apertar o gatilho.

— Eu não faria isso, se fosse você — afirmei, mas não adiantou.

Um tiro foi disparado e nada aconteceu.

Hanz descarregou o pente e nenhuma bala feriu a criatura que caminhava em sua direção.

O medo e o desespero em seus olhos eram palpáveis e eu fiz questão de assistir enquanto eles cheiravam tão mal quanto a urina que escorria por suas pernas quando o meu salvador o pegou pelo pescoço e o levantou no ar.

— Me solte, demônio! — Hanz tentou se soltar, chutando e lutando como dava, mas não pareceu causar nada ao seu agressor.

— Isso aí, chefe! — Ouvi a voz de Dina ao meu lado e logo outros tantos brinquedos estavam ali, adentrando o quarto como uma plateia animada e sedenta pelo espetáculo.

Eu não me assustei quando dois elfos pularam a janela do quarto e ajudaram ao Krampus, mantendo Hanz de joelhos no chão.

— Me ajude, passarinho! Me ajude! — ele gritava, mas eu ignorava.

Assistir o que tinham para ele, era, no momento, a minha missão de vida.

Ele foi deixado nu. O corpo que eu tanto odiei, exposto e vulnerável naquele quarto cheirando a enxofre, enquanto o Krampus

cantava em uma língua que eu não conhecia e passava as unhas nas costas de Hanz, me permitindo assistir tudo e saborear junto dele cada um dos gritos do homem que, por anos, havia feito da minha vida um inferno.

Nem todo o amor que eu sentia por minha mãe se comparava à felicidade de ver o sangue do meu padrasto escorrendo por suas pernas e então pelo chão do quarto.

Ele implorava, chorava, gritava suas desculpas e então seus xingamentos, mas tudo o que eu ouvia era a música que o Krampus cantava enquanto deixava as partes de trás das costelas do meu padrasto à mostra.

Não havia melodia mais doce e verdadeira que a da justiça sendo feita.

Os maus sendo punidos, os errados sendo endireitados, os trilhos voltando para o lugar.

Ouvi o som do primeiro osso quebrar e todos os brinquedos do quarto comemoraram. Então outro, e mais um, até que toda a costela de Hanz estava aberta e seus pulmões podiam ser vistos sem nada que atrapalhasse a visão.

— Ele te chama de passarinho e te assusta como uma velha águia trapaceira. — Ouvi a voz na minha cabeça e prestei atenção enquanto o Krampus ia para a frente de Hanz. — Mas velhas águias precisam de renovação. — Enquanto a voz falava em minha mente, eu vi enquanto meu salvador arrancava as orelhas de Hanz, então seu nariz, e por último seus lábios.

Ao ver meu padrasto de costas, entendi a referência.

Seus ossos abertos daquele jeito formavam uma águia de asas abertas.

A visão era horrenda, ainda mais quando, me olhando, a boca de Hanz se abriu, e antes que ele pudesse dizer algo, o soco que ganhou na barriga fez seus pulmões inflarem.

Tudo foi muito rápido. O casco bateu no chão com força e eu andei até a janela enquanto Hanz era colocado sentado na beirada.

— Voa, passarinho — eu disse, assistindo seus olhos assustados implorarem por perdão.

Um perdão que ele jamais teria.

Empurrei seu peito com os dedos indicadores e assisti o corpo voar em direção ao buraco flamejante que havia se aberto bem ao lado da casa.

Quando a terra se fechou, calando os gritos do meu padrasto, um vento frio soprou no meu rosto.

— Por que demorou tanto para me chamar?

— Boas meninas não chamam demônios antigos.

Respondi baixo depois de algum tempo, então ele me abraçou pelas costas, com o braço em volta do meu pescoço, e falou em minha mente:

— Boas garotas pertencem a eles. — E nós ficamos ali por sabe lá Deus quanto tempo.

Eu, nos braços da besta-fera que havia me salvado, admitindo e me conformando que aquilo era o certo.

Hanz nunca mais seria um problema, mas eu nunca mais seria boa depois de testemunhar aquilo, principalmente por ter gostado de cada detalhe.



## **PARTE 5**

### **POSSUINDO-O**

*“Agora eu tenho que acordá-lo*

*O diabo em mim”*

*Devil in me - Halsey*

Ainda de pé, dessa vez sozinhos no quarto, pude sentir enquanto o corpo que me abraçava começava a se transformar. A versão humana era muito menos amedrontadora, mas ainda sim, intensa e forte como só ele seria.

— Você vai embora? — sussurrei, sem encarar seus olhos quando ele me virou de frente.

— É isso o que você quer? — A mão dele veio até o meu queixo e ergueu meu rosto, me obrigando a encarar seus olhos felinos.

Fiquei algum tempo perdida, analisando o rosto que havia se tornado tão belo para mim. Guardando cada detalhe, desde as maçãs do rosto mais altas, até a boca fina que se mantinha em uma linha reta, trazendo a seriedade da situação.

O Krampus não aparentava ter mais que vinte e poucos anos na forma humana.

Balancei a cabeça em negativa, admitindo que não queria que ele se fosse.

— Eu nunca sei quando vou te ver de novo.

— Ah, menina... Eu sempre estou lá, só esperando você me chamar. — Então, colocando as duas mãos no meu rosto e me puxando para o segundo beijo mais intenso da minha vida, ele me mostrou.

Ele estava lá quando eu fui levada para o internato e também como ajudante de cozinha, professor, inspetor e aluno. No manicômio como enfermeiro, médico e paciente. E estava na minha atual vida, como um vizinho curioso, como caixa do mercado, como entregador de leite.

Ele esteve de olho em mim em todos os minutos, apenas esperando que meu coração o chamasse. E lá estava ele, me colocando em seus braços enquanto meu peito ardia em uma necessidade louca e absurda da presença dele.

Eu o amava e o perdoava por tudo o que havia acontecido.

Como minha forma de retribuir, sentindo o gosto dele em minha língua ao mesmo tempo que meu corpo pedia por mais e mais dele, eu o abracei, enlaçando as mãos em volta de seu pescoço, enquanto as mãos dele desciam pelas laterais do meu corpo com uma lentidão mortal.

Era extremamente intenso, e conforme suas mãos desciam pela minha cintura, suas unhas arranhavam de leve minha pele e a ereção pressionava meu ventre.

Eu não o negaria.

Humano ou não, nós nos pertencíamos.

Ele me pegou pelas coxas, erguendo meu corpo, e eu enlacei as pernas ao redor da cintura dele. Me sentindo completamente segura e entregue enquanto ele me levava até o colchão, me deitando e vindo sobre mim.

Eu não queria parar e protestei quando ele se afastou, erguendo o corpo e me permitindo vê-lo por completo. O sorriso em seu rosto era devasso, seu peito definido e extremamente branco subia e descia como se sua respiração fosse difícil de controlar. Seu membro grande e duro entre as pernas mostrava o quanto ele queria aquilo, e eu não o negaria, porque a umidade que eu sentia entre minhas pernas também me denunciava.

Os olhos amarelos não deixaram o meu rosto até aquele minuto, então, com suas unhas, ele começou o árduo e lento

trabalho de rasgar minhas roupas.

O olhar de cobiça que vi nele era melhor do que qualquer coisa que eu já havia experimentado, e ao contrário de todas as outras vezes em que aquilo aconteceu, não houve luta, não houve tentativa de cobrir meu corpo, nem medo ou nojo.

A ansiedade para que ele me livrasse logo do que impedia nossos corpos de finalmente estarem um com o outro, sem nada no caminho, era maior do que qualquer receio que pudesse surgir.

Suas garras desceram pelo centro do meu corpo, provocando a pele, causando arrepios em toda a extensão do que eu era.

Eu podia senti-lo, sabia que ele gostava daquela tortura tanto quanto eu.

Era como se o anúncio do que ia acontecer causasse tanto alarde quanto o próprio ato.

Em quantas esferas eu seria condenada por me deitar com ele?

Quantas vidas demorariam para pagar aquela dívida?

Eu não me importava, porque tudo, até ali, me levou aos braços do Krampus e sua justiça inquestionável.

Ele me livrou do que restava das roupas e só então tirou os olhos dos meus para revistar meu corpo. As mãos acompanharam o passeio, tocando, acariciando e apertando cada pedaço meu disponível.

Descendo pelo meu pescoço, pelo meio dos meus seios, ao meio do meu ventre e, então, em minha intimidade úmida.



Era uma revista completa para o que ele faria a seguir.

Eu tentei me sentar, queria agradá-lo, agradecê-lo, mas ele não me permitiu. A voz ecoando “não” em minha mente me fez obediente.

Voltei a me deitar e então o assisti enquanto vinha para cima de mim.

Eu o abracei, passando os dedos por sua pele marcada e extremamente quente. Por onde aquele pobre corpo havia andado?

Como ele havia se tornado aquilo?

Eu não sabia, mas queria ser parte dele, naquela hora e para sempre.

A boca dele veio sobre a minha, beijando, sugando e mordiscando, depois se afastou, traçando o caminho da minha mandíbula até minha orelha. O Krampus segurou o lóbulo entre seus dentes e o puxou de leve. Não pude controlar o arrepio que se estendeu por todo meu corpo e ouvir sua risada em minha mente por gostar de ver o que fazia comigo foi como me afundar ainda mais naquilo.

Fechei os olhos, me aproveitando dele, acariciando cada pequeno pedaço que tinha acesso, querendo gravá-lo nas minhas digitais.

Ele desceu pelo meu pescoço, não sendo mais tão gentil, mordendo a carne com mais força, me fazendo arfar e cravar a unha em suas costas quando doía, mas ainda assim, eu não o afastei.

Mesmo na dor, havia prazer.

Ele continuou, indo em direção ao meu seio, desprotegido e excitado, nem um pouco preparado para a boca daquela criatura que parecia me devorar por inteira. Quando o calor da sua língua tocou a área sensível, precisei reprimir o grito que queria escapar dos meus lábios.

Suas mãos grandes e fortes vieram para auxílio, e enquanto ele fazia pressão com o lábio sobre meu mamilo, suas mãos massageavam meus seios, me fazendo remexer na cama.

Homem ou fera, ele sabia o que fazer e eu queria mais e mais.

Como se sabendo que aquilo era bom demais, ele continuou, as mãos firmes sobre mim, a boca decidida em sua concentração cega apenas naquele ponto, fazendo meu corpo inteiro incendiar.

Quando pensei que ele conseguiria me levar ao clímax apenas com aquilo, ele parou, erguendo o rosto e me fazendo encarar seus olhos amarelos. Krampus desceu pelo meu ventre, mordiscando minha pele, até estar entre minhas coxas.

Ele soprou, anunciando estar onde queria e então se ajeitou, abraçando meu quadril e beijando a parte interna da minha coxa até seu destino final.

Se ele era um demônio, por que me levava ao céu?

Arfei, gemi e quase gritei.

Até pensei em fugir, mas ele não permitiu.

Suas mãos me mantendo no lugar enquanto sua língua, depois de me lambe inteira, dava atenção ao único ponto, todo dedicado ao meu prazer.

Eu tentei ver. Assistir aquilo era privilégio, e eu, com todo o pouco controle que me sobrava, me ergui nos cotovelos, a fim de testemunhar enquanto meu querido Krampus me fazia tremer graças à sua língua atrevida.

Ter os olhos dele concentrados no meu rosto enquanto sua boca agia maliciosamente sobre minha intimidade me fez crer que nada daquilo era errado, então relaxei, deitando a cabeça para trás e tentando abrir ainda mais as pernas, querendo que ele tivesse mais e me desse mais daquilo.

Tão bom e tão certo, éramos completamente compatíveis.

Sentir sua língua meio áspera, meio macia, lambendo de forma tão ávida, me preparando para o final daquilo, me fez chegar ao topo do mundo. Quando o prazer veio, balançando todo meu corpo e arrancando de mim todos os gritos que eu havia tentado aprisionar.

Eu me parti em pequenos pedaços, mas ele segurou a todos e me colou de imediato, trazendo minha razão de volta ao corpo quando ajoelhou na cama e me pegou, ainda meio mole, tentando me recuperar do que havia acabado de experimentar, e encostando

meu peito no dele, segurando firme no meu traseiro. Me abriu o máximo que pôde e se enterrou devagar, até o fundo.

Eu o abracei por inteiro e senti meu corpo recepcionar o dele como nunca na vida. Por um segundo, buscando a lucidez, entrelacei os dedos nos cabelos dele e o puxei, encostando meu nariz ao seu, enquanto suas mãos forçavam meu corpo com calma e destreza para cima e para baixo.

Encarando seus olhos amarelos, sua boca semiaberta, tentando se controlar tanto quanto eu, descobri a fera sendo repreendida dentro dele e o beijei, a fim de libertá-lo.

Eu o queria como era, assim como ele me quis sem nada a oferecer.

— Traga-o para mim — pedi entre o beijo, acariciando seu rosto, mas ele não respondeu, ao contrário disso, me colocou de novo na cama, ainda sem sair de mim e continuando a me beijar.

Eu pude sentir quando suas mãos, que seguravam meus pulsos acima da cabeça, ficaram mais ásperas, também quando suas garras machucaram minha pele, mas não reclamei. Apenas continuei sentindo suas investidas, o barulho dos nossos corpos se encontrando quando ele me deixava no limite ao sentir seu quadril tocando o meu, anunciando que ele estava todo dentro de mim.

A língua sobre a minha também parecia ter um gosto novo, selvagem, áspero, agri-doce. Eu a suguei, pedindo por mais dele, por mais daquilo.

E ele me deu.

Quando Krampus se afastou, sua pele era negra novamente. Os cabelos compridos caíam como uma cortina ao nosso redor, os chifres pesados também estavam lá. Ele parou de se mover por alguns segundos, seus olhos vasculhando meu rosto, procurando algum arrependimento.

Mas não havia nenhum.

Estiquei a mão, tocando seu rosto, e como o animal que era, ele roçou a bochecha na palma da minha mão e mordiscou minha

pele.

Seus olhos nunca me deixaram, e ali, enquanto ele voltava a investir entre as minhas pernas, numa brutalidade muito bem-vinda, eu o vi como em um filme, nas paredes escuras atrás de mim, em todos os cantos em que eu havia pisado.

— Você nunca esteve sozinha. Eu sempre estive lá.

A voz dele ecoou na minha mente, fazendo em mim a devoção transbordar. Eu o abracei quase que de forma violenta, o puxando de volta para o meu rosto, beijando a boca da fera que tanto cuidou de mim, e o forcei, indo para cima do seu corpo, me sentando sobre ele, não permitindo que houvesse dúvidas ou fuga.

As mãos dele massacraram minha cintura, o rugido que escapou de seus lábios me fez quase vitoriosa, mas eu queria mais.

Queria aquela besta-fera no limite por mim.

Então eu o levei ao meu paraíso e cravei meu nome em seu coração enquanto meu corpo ia para cima e para trás, aguentando todo o volume dele dentro de mim, suportando conforme meu corpo aquecia e o formigamento em meu ventre anunciava o que chegava.

Os olhos dele não me deixaram por segundo nenhum, apenas quando ele não aguentou enquanto meu corpo forçava o dele e o fazia chegar ao seu limite.

Caí sobre o peito dele, sem forças para dizer nada enquanto as respirações tentavam ser controladas.

Eu o amava e sabia que era amada de volta.

Não era o tipo de coisa que precisava ser dita.

Nós sabíamos.

E com essa certeza, eu adormeci, confortável e protegida, em seus braços.

+

O frio me acordou e eu precisei me agarrar aos lençóis com mais força. Abri os olhos quando aquilo não foi o suficiente e, ao me

ver sozinha na cama, respirei fundo.

Ele nunca havia ficado, não seria diferente daquela vez, mesmo que algo dentro de mim gritasse que ele voltaria.

Sentei-me na cama, tentando organizar os pensamentos e decidir o que fazer a partir dali, e foi quando notei o pequeno saco amarrado ao pé da cama. Me levantei e o abri, quase tendo um ataque do coração ao ver as moedas de ouro grandes e pesadas ali dentro.

Voltei a me sentar na cama, sem acreditar naquilo, então me deitei e, olhando para o teto, vi o recado do meu amante desaparecido.

Pintado em vermelho com uma letra não muito bonita, lá estava escrito:

**NÃO SEJA UMA BOA MENINA.**

E se aquela era a condição para tê-lo novamente, eu aceitaria.

**FIM.**

# Document Outline

- [SINOPSE](#)
- [PARTE 1 CONHECENDO - O](#)
- [PARTE 2 DESCOBRINDO - O](#)
- [PARTE 3 CONQUISTANDO - O](#)
- [PARTE 4 PERDOANDO - O](#)
- [PARTE 5 POSSUINDO - O](#)